



Instauratio Magna

Revista do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Universidade Federal do ABC
3/1 • 2023 • ISSN: 2763-7689

Entrevista

**“Nós chegamos aqui e demos
certo. É a história de quem não
está aqui que devemos contar”**

*Entrevista com a Prof^a Mitieli Seixas da Silva,
da Universidade Federal de Santa Maria*

Sarah Bonfim

Universidade Estadual de Campinas

Michele Bonote

Universidade Federal do ABC

DOI: 10.36942/rfim.v3i1.864

Contato das autoras:

sarah_bonfim@yahoo.com.br • michele.bonote@gmail.com

Mitieli Seixas da Silva é professora adjunta do departamento de filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Durante o período de sua formação, seu principal objeto de pesquisa foi o pensamento de Immanuel Kant. Assim, tanto em seus dois mestrados - um pela UFRGS e outro pela Universidade de Luxemburgo –, quanto em seu doutorado - também pela UFRGS com período sanduíche na Universidade de Berkeley - Mitieli trilhou o caminho da filosofia tradicional: uma formação em história da filosofia voltada para o estudo de um único filósofo. No entanto, tudo começou a mudar em 2016, quando teve início uma série de eventos que questionavam o lugar das mulheres na filosofia.

No Rio Grande do Sul, especificamente na UFRGS, professoras como Gisele Secco e Ana Rieger Schmidt iniciaram um movimento de trazer à luz algumas figuras da filosofia relegadas à sombra dos “grandes nomes” da história canônica – e masculina – da filosofia ocidental. Na UFRGS, a professora Gisele Secco, junto às pesquisadoras Inara Zanuzzi, Ana Rieger Schmidt e Priscila Spinelli, idealizam o primeiro Vozes Femininas na Filosofia, cujo objetivo foi trazer à tona a pesquisa sobre mulheres filósofas. O evento ocorreu em 2017 e reuniu pesquisadoras do Brasil inteiro como Carolina Araújo (UFRJ) e Janyne Sattler (UFSC).

No mesmo período, no Rio de Janeiro, a Prof^a Carolina Araújo (UFRJ) recolhia dados sobre a participação de mulheres na comunidade da pós-graduação de Filosofia no Brasil, levantando a pergunta: quantas pesquisadoras mulheres há na filosofia?¹ Os resultados alarmantes dessa investigação, que mostravam que “uma mulher tem aproximadamente 2,5 vezes menos chance do que um homem de chegar ao topo da carreira profissional” (ARAÚJO, 2016, p. 8), embora causem espanto, não são surpreendentes. Afinal, a predominância masculina se dá tanto nos obje-

tos de pesquisa como no corpo discente e docente dos programas de pós-graduação em filosofia no Brasil, fatores que se alimentam mutuamente.

Ainda que tais eventos possam parecer isolados, hoje reconhecemos que eles fizeram parte daquilo que denominamos primavera das filósofas brasileiras, momento que “começou a chamar a atenção para a baixa proporção de mulheres nesta comunidade e o pouco reconhecimento que ela atribui tanto à obra de filósofas, quanto à pesquisa filosófica sobre questões de gênero” (ARAUJO, 2020, p. 127)². Foi neste momento, portanto, que Mitieli reconheceu que o desconforto que sentia desde a sua graduação se dava sobretudo pela ausência de mulheres, seja no corpo docente, seja nas bibliografias dos cursos. Ainda do ponto de vista pessoal, Mitieli começava a perceber uma cobrança maior, principalmente das alunas, para estudar figuras femininas nas aulas de filosofia. Sua participação no II Vozes Mulheres na Filosofia, realizado na UNICAMP e organizado pela Prof^a Yara Frateschi, junto de outras professoras e alunas, foi definitiva para o que viria a seguir.

É somente a partir de 2018, por um convite, que Mitieli redireciona suas pesquisas para o estudo de uma filósofa mulher. Katarina Peixoto, pesquisadora que havia recém voltado da Universidade de Paderborn, a qual abriga o Centro de Mulheres Filósofas e Cientistas, criado pela prof. Ruth Hagenruber, que tem por objetivo promover mulheres filósofas e cientistas, além de promover pesquisadores e pesquisadoras no começo da carreira. Assim, imbuída do espírito de revolução suscitado em Paderborn, Katarina convidou Mitieli a estudar Émilie du Châtelet, filósofa do século XVIII. Os resultados iniciais de sua pesquisa em Châtelet foram apresentados na I Conferência Internacional Mulheres na Filosofia Moderna, organizada por Katarina Peixoto (FAPESP/USP) e Pedro Pricladnitzky (UNIOESTE) na UERJ em 2019.

Durante este período, Mitieli organizou o grupo de tradução das obras de Émilie du Châtelet, que, mais tarde, lhe renderia o prêmio Elizabeth da Boêmia, conferido pelo Centro de Mulheres Filósofas e Cientistas, em 2021. Na entrevista abaixo, veja um pouco mais dessa figura tão interessante e generosa que é a Prof^a. Mitieli Seixas da Silva e seu papel nas lutas das mulheres por espaço e reconhecimento na filosofia brasileira.

—

Revista de Filosofia Instauratio Magna [RFIM]:

Quando e como foi o seu encontro com Émilie du Châtelet?

Prof^a Mitieli Seixas da Silva [MSS]:

No final de 2018, início de 2019, e foi um renascimento! Foi neste período que eu me deparei com uma filósofa que era do mesmo período (século XVIII) que eu estudei a minha vida inteira. Eu passei 15 anos estudando Kant e eu não fazia ideia da extensão da obra dela, o que é uma coisa interessante. Muitas vezes a desculpa para não ter mulheres no cânone ressoam nas afirmações: “elas escreveram cartas”, “só temos fragmentos”, por isso elas não estão lá, porque o que escreveram não era considerado filosofia. Então, eu me deparo com uma filósofa que tem obra, tem livros, tem dissertação, tem cartas, tem folhetos, tem uma obra extensa. Émilie du Châtelet tinha reconhecimento na sua época, ela era uma interlocutora dos círculos intelectuais. O “célebre” (para usar uma expressão de Kant) Christian Wolff agradece a ela por introduzir Leibniz na França. Ela traduz Newton, comenta Newton, é comentada por Kant e, além disso, os temas de que trata são aqueles que estavam sendo tratados no momento. Isto é, a natureza do espaço e do tempo, os princípios do conhecimento. Estes são assuntos clássicos do século XVIII, em que Kant vai trabalhar e vai fazer a revolução na perspectiva metafísica da

Filosofia. Então, quando eu me deparei com isso, pensei: “aqui tem um mundo para ser explorado”.

RFIM: *Foi difícil ter acesso aos materiais de Émilie du Châtelet?*

MSS: Nos últimos anos, diversos materiais sobre a Émilie du Châtelet estão sendo publicados, então temos acesso a fontes, dependendo da obra. Atualmente, muitos pesquisadores trabalham na *Institutions de physique*, de 1740/1742. Mas não há tantas pesquisas, por exemplo, sobre a *Dissertação sobre a natureza e a propagação do fogo*. As pesquisas diminuem mais ainda sobre o comentário dela ao Principia de Newton. Mas tem muita coisa acontecendo. Eventos, bibliografia sendo publicada, pesquisadoras e pesquisadores se dedicando a obra dela. Uma edição crítica do *Institutions physiques* está sendo publicada online pela Universidade de Paderborn. Isso é excelente, porque o pessoal está trabalhando direto nas fontes. Nós estamos fazendo a tradução da *Institutions de physique*. Todas essas coisas estão acontecendo agora e é muito, muito bacana, muito surpreendente, estar no meio disso tudo.

RFIM: *É importante destacar que o seu estudo em Du Châtelet não é uma mudança drástica de rota de pesquisa, mas uma soma ao que você já vinha estudando desde a sua iniciação científica. Até porque os filósofos não são ilhas, no sentido de estarem isolados de um contexto histórico. Tendo isso em vista, parece que seus estudos em Kant lhe forneceram o contexto necessário para compreender e aprofundar os estudos em Du Châtelet.*

MSS: Sim, e isso é extraordinário, porque melhora a minha própria pesquisa. Eu fui formada na tradição de historiadora da filosofia, e é o que

eu consigo fazer de melhor, se a gente pode dizer isso. O que eu sei fazer é análise textual, exegese, análise de argumentos e comparação com os problemas da época e com o pensamento filosófico. São essas ferramentas que eu desenvolvi durante toda a minha vida acadêmica, durante toda minha formação. Agora eu consigo fazer isso de uma maneira melhor, porque eu não me vejo mais restrita a um determinado nome. Assim, estudar Émilie du Châtelet me abre, por exemplo, a possibilidade de estudar Leibniz, a filosofia de Newton, Anne Conway e sua influência em Leibniz. Então, a história da filosofia fica muito mais complexa, muito mais rica, muito mais interessante. Hoje, eu estou fazendo melhor o meu trabalho do que eu fazia há 5, 6 anos atrás, quando Du Châtelet não estava na minha perspectiva.

RFIM: *A querela das mulheres não é tema nos escritos de Du Châtelet. Nesse sentido, faço aqui uma provocação: será que é diferente falar sobre as mulheres na história da filosofia e falar das mulheres filósofas?*

MSS: Eu acho que são coisas conectadas. São perspectivas diferentes, distintas, mas uma coisa que eu estou convencida, para usar uma expressão que a professora Nastassja Pugliese³ (UFRJ) usa, é dizer que estamos fazendo uma história da filosofia com perspectiva de gênero, uma história feminista da filosofia. Ou seja, uma história da filosofia que seja acessível à questão de gênero, de raça, de territorialidade, porque isso também é importante. Também são demandas que surgem, pois uma vez que tu reparas: “Se tem mulheres aqui, por que não estávamos vendo?”, “Bom, então será que não tem negros aqui também?”, “Será que não tem pessoas não ocidentais aqui nessa história?” Assim abrem-se muitos caminhos de pesquisas, por isso que fica muito mais difícil, muito mais complexo, muito mais rico.

Primeiro, a perspectiva de gênero ajuda que a gente observe as injustiças e perceba que nós não somos tão poderosos quanto achávamos que éramos. Não há mais aquele pensamento de “se eu dominar esse filósofo, estou dominando o meu campo”. As coisas são mais complexas do que isso. Tem camadas, tem conversas que foram feitas na época. A Émilie du Châtelet estava conversando com todo mundo que era importante, por exemplo, D’Alambert, Voltaire, Diderot. O texto dela foi traduzido para o alemão e italiano logo depois de sua publicação. Professoras como a Laura Bassi estavam usando o livro dela em sala de aula.

RFIM: *Usando em sala de aula, logo que foi publicado? Quem foi Laura Bassi?*

MSS: A Laura Bassi deu aula na Universidade de Bolonha, uma figura interessante e que não sabemos muito [ela foi a primeira mulher a dar aulas oficialmente em uma universidade na Europa]. Tem também a professora Maria Caetana Agnesi, que trabalhou com esses temas na Universidade de Bolonha. A Émilie du Châtelet está fora do ensino formal, ela foi tutorada em casa, mas isso foi por acidente, porque seu irmão e pai eram pessoas mais abertas e permitiram que ela estudasse. É nesse período do século XVIII que começa a pipocar algumas professoras. Claro que havia tutoras, mas surgiam também algumas professoras institucionalizadas em alguns lugares. Então, é super interessante, porque é uma história que nos obriga a olhar para essas professoras que, às vezes, separamos dos grandes filósofos. Mas, qual o papel dessas professoras? Por que elas não estão no panteão dos filósofos? Porque estavam produzindo livros-texto, produzindo material de aula, elas estavam formando pessoas e, pelo seu apagamento, vamos ter que resgatá-las também.

Mas, por isso, que a história feminista da filosofia não é apenas uma história da filosofia com perspectiva de gênero. O que na verdade a professora Nastassja Pugliese está dizendo é que temos que fazer uma história da filosofia melhor. Ela está nos lembrando que a história da filosofia é algo que precisa de uma lente de aumento, para que a gente possa fazer melhor nosso trabalho.

RFIM: *Ao dizer que é preciso de lentes de aumento para fazer melhor o nosso trabalho em filosofia, você acredita que é preciso pensar um novo método de fazer filosofia?*

MSS: Há dois grandes grupos de problemas quando vamos estudar mulheres na filosofia e que são, em geral, apelos para justificar a exclusão de uma mulher do cânone. O primeiro tipo se refere aos supostos problemas internos. Por exemplo, a qualidade do trabalho, a temática, a obra, entre outros. Se essa mulher escreveu sobre a Felicidade, mas o modo como ela escreveu não é diferente de como um homem escreveu, então, a primeira coisa a dizer é que a mulher até pode estar falando sobre temas filosóficos, mas o modo como ela apresenta não é filosófico, mas outra coisa, por exemplo, uma obra histórica, sociológica, antropológica, qualquer outra coisa menos filosofia. Isso é um primeiro modo de desqualificar, supostamente por razões internas. Outro exemplo é quando o tema não é considerado filosófico, como é o caso da questão de gênero.

O segundo modo de desqualificar é dizer o seguinte: ‘é uma mulher, de determinado período e tudo mais, mas ela não tem obra, ela tem outras coisas que vamos encontrar meio esparsas’. Bom, temos os filósofos pré-socráticos, dos quais só nos restaram fragmentos. Mesmo assim, temos 2000 anos de historiografias. As pessoas estão falando sobre eles, não é?

Sócrates não escreveu uma palavra e é um filósofo reconhecido, que aparece em todos os livros didáticos. Outro preconceito recorrente é dizer que elas não estabeleceram interlocução com outros filósofos. Então, seria por isso que elas não estão no cânone, que é formado por certas relações. Mas isso também não é verdade. Se a gente pega, por exemplo, além de Du Châtelet, há a Elisabeth da Boêmia, que estabeleceu uma troca com Descartes; Lady Masham, com Leibniz; Christine de Pizan que responde Aristóteles. Mesmo que essas mulheres não estivessem institucionalizadas dentro das academias, elas estavam discutindo com as mesmas pessoas de dentro da academia e sobre os mesmos temas.

Há essas questões que usam para tirar as mulheres do lugar que lhes é de direito. É importante ressaltar que são questões externas à obra, não internas. Hoje em dia, nós podemos notar que, no fim das contas, elas vão ser excluídas por misoginia. Ou porque elas foram reiteradamente excluídas já no seu tempo mesmo. Embora elas tenham interlocução, para excluí-las bastava não as responder, ou dizer que não foram elas que escreveram determinada obra, como é o caso do escrito *Sobre a Liberdade*⁴ que antes era atribuído a Voltaire, mas agora se descobriu é da Du Châtelet. E quantos mais escritos não devem ter por aí, na mesma situação? Era uma prática reiterada na época em que elas viviam.

Em outros casos, embora elas tivessem suas publicações respeitadas, elas vão ser apagadas depois da morte. Por isso a importância da inspeção da historiografia do século XIX, pois no século XX, essas mulheres vão sumir dos livros de história da filosofia, vão sumir da interlocução. Enquanto isso, temos casos de 250 anos de tradição de comentário em Kant. Temos uma comunidade muito ativa, por exemplo, em português, sobre Kant. Tem a sociedade Kant, uma vasta biografia e isso é ótimo, não es-

tou reclamando, até porque me ajudou muito. Isso é ótimo para a nossa comunidade, porque conseguimos formar muito bem os estudantes na graduação, com todo esse acesso a material em português. Mas, por outro lado, no que se refere às mulheres, não tem tradução, não temos trabalhos em português, não há comentários em português, ou até mesmo em outras línguas, ainda é algo incipiente, até mesmo nos melhores casos, como é com a Du Châtelet. Ainda estamos engatinhando. Se comparamos com outra tradição filosófica, então tem muitas questões em aberto de interpretação mesmo.

Por não ter tradução das obras dessas mulheres, dificulta oferecer aulas na graduação sobre elas. Se não oferecemos na graduação, muito dificilmente veremos pessoas que entram no mestrado, ou no doutorado com um projeto voltado para essas mulheres.

Mas, tudo isso tem um lado positivo que é o de reconhecer que como tem muita coisa para ser feita, então tem muito campo para estudar. Temos muito trabalho.

RFIM: *Concordo com você, por isso temos que batalhar por mais traduções e publicações de obras das mulheres, sem deixar de batalhar por um reconhecimento interno da área de filosofia.*

MSS: Sim, precisamos crescer e fazer o feijão com arroz do trabalho filosófico. Não só traduzir as obras, criar grupos de estudo e fazer eventos. Ao tornar isso um tema precisamos da ocupação curricular, ocupar os espaços acadêmicos com essas mulheres. Por exemplo, em um evento sobre o Rousseau, enviar um trabalho sobre a Wollstonecraft. Vamos tentando ocupar, uma ocupação em todos os níveis.

Assim, devemos criar maneiras de fazer material didático para o ensino médio, trazer essas mulheres para as nossas disciplinas, cobrar os professores. Enquanto professora, não é nada confortável ser cobrada pelos alunos. Por outro lado, é algo que pode renovar o interesse dos estudantes para temas que já são mais tradicionais. Eu acho completamente válido que essas demandas cheguem. Temos que cobrar que mais mulheres estejam incluídas nos cursos, não apenas naqueles que são obrigatórios, mas nos complementares e que não fique restrito à pós-graduação, mas já apareça na graduação também. É um movimento que não pode parar, faz parte da política do nosso trabalho, que se trata de conversar e pressionar para fazer dessa pauta, uma pauta importante, também, para nossa comunidade filosófica.

RFIM: *Um tema inevitável é a questão das mulheres na filosofia e a maternidade. Você é mãe da Cecília e da Lorena, a Du Châtelet teve três filhos e, no segundo semestre de 2022, você ofereceu uma disciplina sobre maternidade. Como podemos falar da maternidade como um conceito filosófico e como um efeito prático?*

MSS: Primeiramente, foi quando eu tive a Cecília, que caí na realidade. Eu sempre fui muito protegida no ambiente que circulava com a minha orientadora, com as minhas professoras e professores. Eu me considero muito privilegiada, no sentido de que não sofri assédio na academia, esse tipo de horror que agora eu escuto como professora das nossas alunas. Mas, quando a gente se torna mãe, a gente se dá conta que a igualdade é um privilégio de algumas mulheres brancas e de uma certa classe social e que não se aplica quando elas se tornam mães. Foi aí que me dei conta do quanto as coisas são difíceis, sabe? Como é forte o impacto na carreira, inacreditável! Por exemplo, no meu currículo eu não tenho nada publi-

cado em 2021. O que eu vou publicar em 2023, eu escrevo em 2022. E 2020 foi o ano da pandemia, que eu fiquei trancada em casa com um bebê de um ano e meio. Não foi só para mim, aconteceu para o meu marido também, mas é um choque quando tu se dá conta de como a tua produtividade cai. Tu começa a enfrentar dificuldades que outras mulheres, seja por classe social ou por raça, já estavam enfrentando antes. Isso impacta muito claramente. Foi a partir daí que comecei a estudar a maternidade de um ponto de vista filosófico. Convidada pela minha colega Melina Duarte, professora na Universidade do Ártico/Noruega, que estava organizando um *guidebook*⁵ sobre diversidade para o ensino superior, que comecei a pesquisa. Foi nesse período que descobri a enciclopédia da professora canadense Andrea O'Reilly, o *Journal of the Motherhood Initiative* associado com a Demeter Press⁶, uma revista acadêmica só sobre o tema da maternidade. Tem todo um campo de estudos que importa para a filosofia: maternidade e fenomenologia, maternidade como política, moralidade da maternidade, enfim, tem todo um campo de estudos. Foi só quando eu vivi a maternidade na pele que eu senti a necessidade de buscar essas questões. Primeiro eu vivi a prática e depois eu busquei resposta para essas inquietações. Então, a maternidade veio como uma preocupação teórica depois da experiência. Mas, foi uma satisfação. É um tema que me pegou de tal maneira que eu pensei em oferecer uma disciplina sobre isso. Eu ofereci essa disciplina na pós-graduação e foi maravilhoso. É um momento importante de, além de colocar as dificuldades, perceber que você não está sozinha.

RFIM: *Como foi ser reconhecida pelo prêmio Elizabeth da Boêmia, como ele impactou o seu grupo de pesquisa, como foi o pós-prêmio?*

MSS: São dois níveis de impactos. O primeiro é no nível do reconheci-

mento do grupo, do impacto na autoestima do grupo, do reconhecimento de sua importância e da importância do trabalho que estamos fazendo. Em segundo lugar, é a nível prático mesmo, da vida. Depois do prêmio, ganhamos o Edital Universal do CNPq, que vai permitir que a gente faça um evento que estamos para realizar desde 2020 sobre tradução. Quando eu apliquei em meu nome, eu achei que não fosse conseguir, porque pensei que eu não tinha currículo para isso. Mas, acredito que o prêmio tenha dado um peso para o reconhecimento do nosso trabalho como um grupo de pesquisa, porque agora nosso grupo tem um selo internacional, um reconhecimento de que estamos no caminho certo. O grupo é formado por professores de três regiões do Brasil, sul, sudeste e nordeste, com parceiros na UFSM, UFBA, UFRGS, UNIOESTE, USP, além dos nossos orientandos. Esse evento que pretendemos realizar em 2023, será sobre tradução, versão, pesquisa e produção de material didático para o ensino médio.

***RFIM:** Por fim, pensando no que você disse sobre contar a história de quem não chegou até aqui, gostaria de pedir uma reflexão final sobre isso.*

MSS: Atualmente, a Filosofia é radicalmente diferente de 10 anos atrás, quando eu era estudante, por exemplo. Eu acho que o hoje o incômodo de deixar pessoas para trás é um incômodo geral, compartilhado cada vez por mais professoras e professores, e isso acaba sendo um ganho para a nossa comunidade, porque agora, se sabemos, por exemplo, de um caso de assédio, isso não fica mais apenas como uma “história de corredor”, na tentativa de evitamos o assunto. Ao contrário, nós conversamos sobre isso, buscamos abrir caminhos institucionais para resolver, o que faz com que as pessoas se deem conta das violências que sofrem e possam, através disso,

denunciar. Então temos um pouco mais de proteção institucional, que eu acredito ser derivado dessa nossa consciência de classe, enquanto mulheres, que estão em um ambiente que, eu não tenho dúvidas, é hostil para a presença delas.

Nós precisamos, portanto, criar um ambiente que seja propício para que as mulheres se desenvolvam, dando as condições para que elas floresçam dentro da área, que possam enxergar uma perspectiva de futuro, na qual tenham a possibilidade de orientar suas pesquisas sem sofrerem assédio ou serem ridicularizadas, ou seja, para que sua carreira e suas pesquisas possam dar certo. Assim, quando em caso de assédio, que elas consigam procurar outras mulheres e os caminhos institucionais para receber apoio e proteção. É necessário incentivar que fujam de pessoas com atitudes predadoras e protejam outras mulheres, também, porque nós temos muito trabalho pela frente e quem vai fazer esse trabalho? Nós mesmas. A filosofia tem um grande passado pela frente, como diz Katarina Peixoto⁷, e precisamos de mão de obra, então venham estudar com a gente. Nós temos o direito de ocupar esse espaço. Nós merecemos!

Notas

1. ARAÚJO, Carolina. **Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil – 2015**. São Paulo: ANPOF, 2016, disponível em http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf acesso em 02/03/2023.

2. ARAÚJO, Carolina. A primavera de 2016. **Ideação**, v. 1, n. 42, p. 126-140, 2020.

3. PUGLIESE, N. O que é a história feminista da filosofia? **Coluna Anpof**. 07 março de 2021. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/o-que-e-a-historia-feminista-da-filosofia2>. Acesso em: 16/03/2023.

4. DU CHÂTELET, E. On Freedom. **Project Vox**. 2021. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/DUCOF>. Acesso em: 16/06/2023.

5. DUARTE, M; LOSLEBEN, K; FJØRTOFT, K (Eds). **Gender Diversity, Equity, and Inclusion in Academia: a conceptual framework for sustainable transformation**. Londres & Nova York: Routledge, 2023. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/oa-edit/10.4324/9781003363590/gender-diversity-equity-inclusion-academia-melina-duarte-katrin-losleben-kjersti-fj%C3%B8rtoft?refId=90f38c54-9236-462e-87dd-fdf2b4628f12&context=ubx> . Acesso em 11 de maio de 2023.

6. Journal of the Motherhood Initiative. Disponível em: <https://journalofmotherhoodinitiative.org/>. Acesso em: 16/03/2023.

7. PEIXOTO, K. Mulheres na História da Filosofia: a tarefa filosófica de um feminismo sem onda. **Coluna Anpof**. 13 de março de 2023. Disponível em: <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/mulheres-na-historia-da-filosofia-a-tarefa-filosofica-de-um-feminismo-sem-onda>. Acesso em: 16/03/2023.